

## EDITORIAL

Senhoras e senhores. Distintos imbecis leitores, eu quero que todos se danem. Vocês são uns idiotas. Vocês não entendem nada (já houvimos esta frase em algum lugar), Vocês só sabem lêr, lêr e mais lêr, por mais que não saibamos o que lêem. E nós? Escrevemos, escrevemos e mais escrevemos, por mais que não saibamos o que escrevemos. E nisso se resume: Vocês lendo e nós escrevendo; nós escrevendo e vocês lendo. Tudo num conjunto de leituras e escrituras; escrituras e leituras. No mundo se lê assim como se escreve, por isto o mundo é vocês assim como nós, porque? Porque nós escrevemos e vocês lêem, vocês lêem e nós escrevemos.

Lehitraot

A redação

P.s.- Isto é uma demonstração de um editorial quando não se está afim de escrever um editorial. Porque nós escrevemos e vocês lêem...BUM, PLAFT, SPAP, CALE A BOCA SEU IDIOTA!!! Pedimos desculpas aos nossos queridos leitores pela falta de educação de nosso editor.

# chag

## ISRAEL FLORESCE: YOM HABIKURIM!

Fim de Machon. 1983. O sol já tinha chegado e esquentando as sempre geladas muralhas de Jerusalém. Início de verão. Azul e verde ocupando um espaço que lhes é merecido.

É um fim de semana prolongado. "Tachana Merkazit" de Jerusalém, ônibus para a triste parada de "Castina" é sonolenta sequencia até o kibutz Bror-Chail, situado no "portão do Neguev". Era yom habikurim, um dos dias mais alegres e coloridas da vida kibutziana e, porque não, de Israel. Haveria uma messibá, ao meio da tarde, em comemoração

à colheita. O palco, a BAMA, muito simples, montada no meio de um dos incontáveis campos de trigo. Os assentos, cubos de uma palha que um paulista bem urbano não soube distinguir do que era feito. Natural e belo. Aos poucos todos começaram a chegar. Bermudas, sandalins e faces coradas. Muitas jarras de MITZ TAPUZIM para refrescar. A messibá, bem simples, com crianças cantando, chaverim cantando e dançando e algumas molecagens. Depois, uma série de competições, tipo pau-de-sebo, ou "quem monta mais rápido" uma linha de irrigação", ou ainda cabo-de-guerra entre os chaialim do kibutz contra os mais velhos. No final, sorveta para todos, acompanhado por um desfile de todos os traktorim e máquinas agrícolas do kibutz. Algumas gigantescas, valiosíssimas, outras, do tamanho de uma bicicleta, não menos valiosas.

Em comemoração à colheita. Ao fruto e flor.  
Com muita simplicidade e natureza, como na canção.

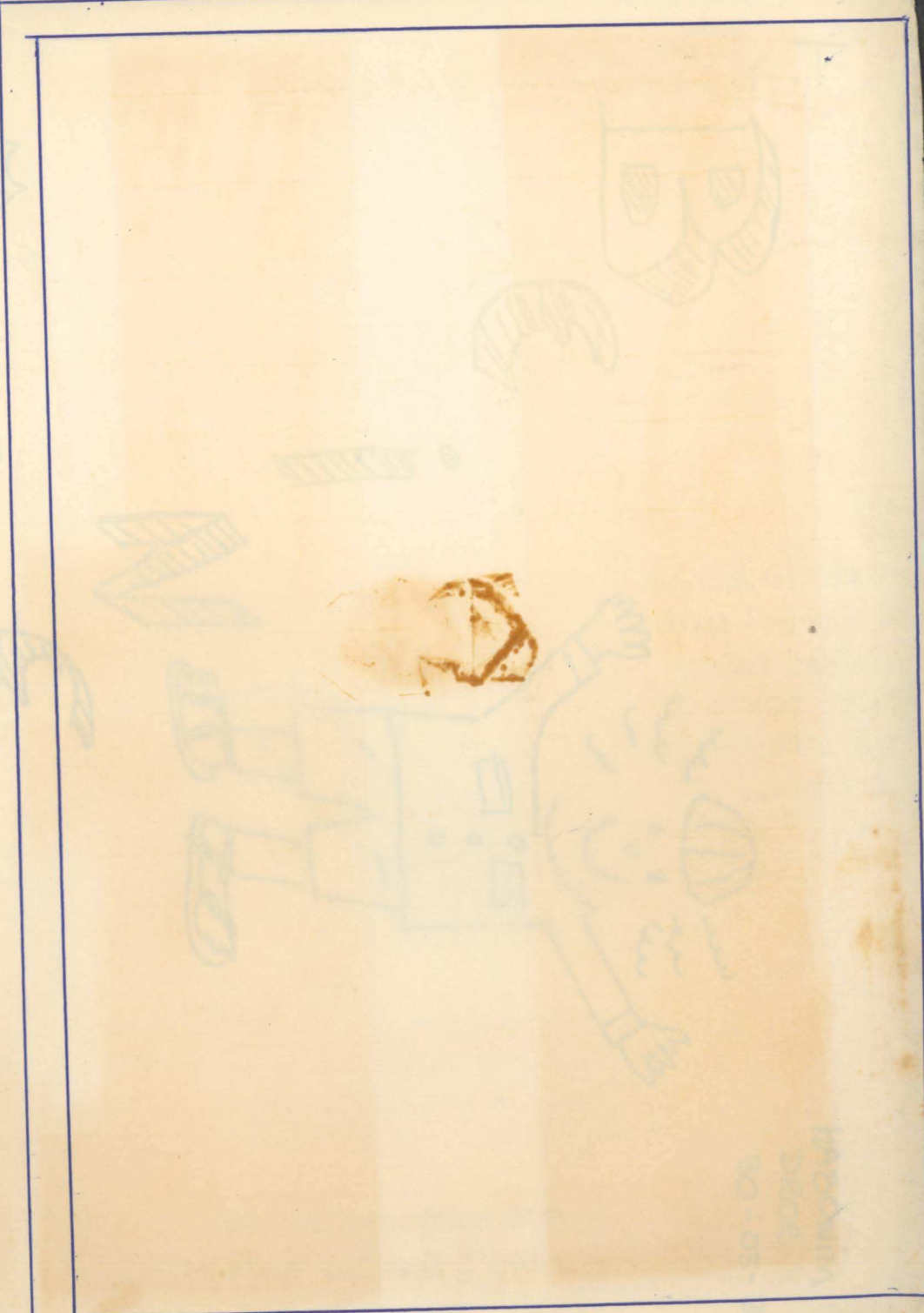
De um observador  
Décio

## TUDUBLÚ E MOÇAMBA



## RHALAH ZEMBAUM





A tua está mal, poucos  
chanichim, chaguim não são  
lembrados, educação...



vamos no bar ?



FUI A UM "CONCERTO PARA A  
JUVENTUDE" MINDIUM...  
E PARA FAMILIARIZAR AS  
CRIANÇAS COM A BOA MUSI-  
CA, VOCE SABE...



NO COMEÇO EU NEM MESMO  
QUERIA IR MAS, DEPOIS QUE  
OUVI A MUSICA, ACHEI  
SENSACIONAL...



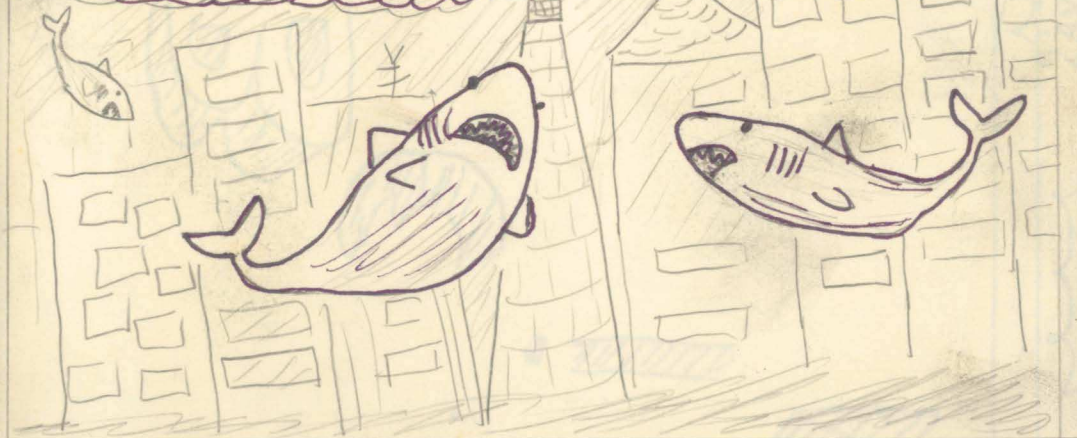
E SABE O QUE ACONTECEU ?  
AGORA TEMOS QUE ESCRE-  
VER UMA REDAÇÃO DETRUITA  
LINHAS SOBRE O CONCERTO...



MAS EU ACHO QUE É PARA  
ISSO QUE A EDUCAÇÃO EXISTE,  
NÃO É MINDIUM? PARA  
IMPEDIR QUE A GENTE  
SE DIVIRTA.



# TUBARÕES VOADORES



ELES INVADIRAM  
A CIDADE! TODAS AS  
JANELAS, PORTAS,  
TUDO TEM QUE  
SER TRANCADO.  
SENÃO ... !!!

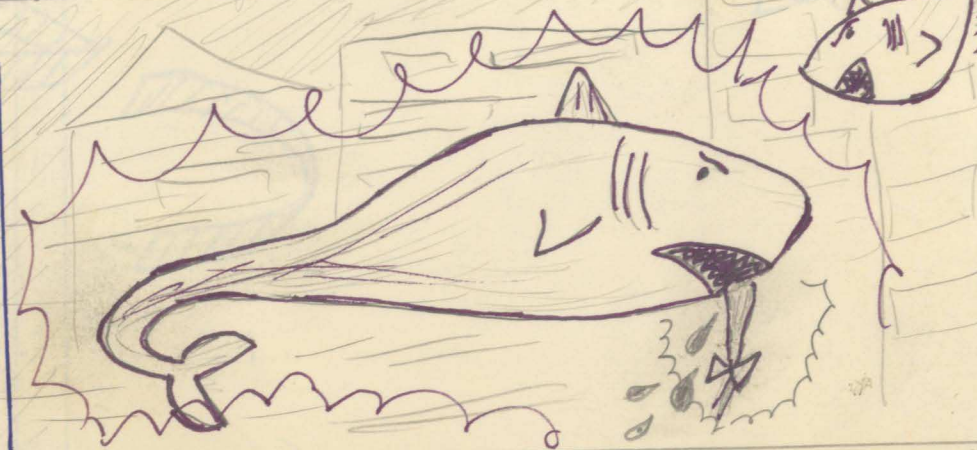
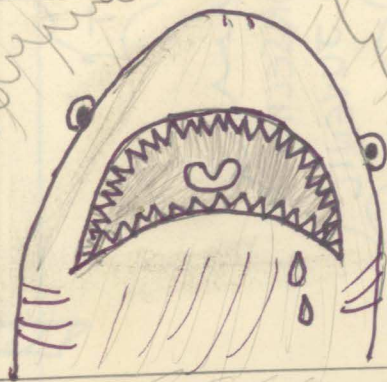


QUE NINGUÉM SAIA ÀS  
RUAS - FERÓZES, DEVORAM  
TUDO QUE ENCONTRAM!

ORÉM...



MINHA FILHINHA NÃO!



E ELES CONTINUAM DESTRUINDO E ESPALHAN-  
DO TERROR PELA CIDADE. NÃO HÁ SOLUÇÃO.  
OU TERÁ? VEJA NA PRÓXIMA EDIÇÃO !!

# Seção ...

## O índio é brasileiro?

Sr.: Os índios não incendeiam as matas, não corrompem os rios nem poluem a atmosfera. São um produto da Natureza como o são as cachoeiras, as florestas, os lagos, os animais silvestres. Na verdade, constituem-se num Patrimônio da Humanidade. Não são brasileiros, porque são mais que isso. O brasileiro não tem aquele tipo de cultura, sua língua, sua religião, seus hábitos, seu sistema de vida. Por outro lado, eles não votam, não pagam imposto, não têm a intrincada vida dos brancos, viciada, corrupta, de ganância sem limites. Entre os incas havia apenas três tipos de crime: a mentira, o roubo e a violação aos costumes. A pena era a eliminação sumária. Entre os brancos, tudo isso corre impune. Antes da nossa formação como povo, já eles aqui estavam. E quando Hugo Grocio, no seu "De Jure Belli Ac Pacis", emitiu a teoria do "uti possidetis" (direito de posse da terra pela ocupação efetiva e prolongada), na concepção dos europeus, a ninguém mais se ajustava que às tribos que viviam aqui. Elas não deram suas terras, não doaram, não trocaram. Agora estão pedindo o que lhes foi usurpado, sem conseguirem comover a irrefreada ganância dos brancos. Quando os espanhóis descobriram os metais, os astecas e os incas, para melhor os explorar, espalharam que era uma espécie de macaco. E destruíram, no que puderam, essas civilizações, em dados aspectos mais avançadas que a dos europeus. Não fosse a irada interferência do teólogo dominicano Francisco de Vitória (1486-1546), — tido como o fundador do Direito Internacional Público — com sua teoria da "guerra justa para as duas partes", isto é, dos nativos se defenderem dos brancos, na propagação do Evangelho, e não fosse ainda outro dominicano, Bartolomeu de Las Casas, defensor perpétuo dos índios, e nada sobraria do saque e massacre total. O grande papa Paulo III, com sua bula: "Sublimis Deus", de 9 de junho de 1537, conteve, com grande indignação, a violência dos conquistadores, conseguindo ainda salvar um rescaldo de cultura.

Entre nós a violência foi menor porque D. João III, o Piedoso, contou desde o início com a insuperável colaboração dos discípulos de Lolola, os Jesuítas. A Nobrega e Anchieta devemos não ter havido, no berço da nossa formação, a destruição pelo massacre dos nossos gentios.

O índio não erra nunca, como índio. Tem tradição que se perde no tempo, transmite oralmente entre eles, passando esse hábito, de geração a geração. Tivemos oportunidade de ser criados no meio da tribo dos Cazumbás, nos longínquos sertões do Vale das Espinharas. Os companheiros de brincadeira nos ensinavam a dar canga-pé nos poços e nos açudes; a acompanhar, na bebida do gado, o vôo das abelhas produtoras de mel; a ouvir, nos descampados, o mais leve rumor da caça, e, ainda, a tocar os mocós na pedreira das serras. Ninguém mais leal, mais alegre e mais amigo. Eram ótimos vaqueiros e não davam bem na agricultura.

O que está acontecendo com os Pataxós, brada ao céus! Foi essa a tribo que recebeu Cabral (podia tê-lo devorado). Entre eles ficaram dois degredados e mais dois marinheiros fugidos da armada. Mani, princesa dos Pataxós, indiazinha de uns 18 anos, segundo a lenda, foi a esposa de Afonso Ribeiro (ver Leonardo Arroio, nos seus comentários da Carta de Pero Vaz) e deles nasceu o primeiro brasileiro, Itarudá. Foi Mani a primeira mãe brasileira, sendo assim, para nós, os Pataxós, uma tribo sagrada. O que diriam hoje os indianistas Gonçalves Dias, José de Alencar, além do marechal Rondon, se presenciassem o mau-trato que estão fazendo aos índios? Merece aplauso a escolha, pela Funai, de representantes das próprias tribos, para através deles, resolver seus problemas com os brancos. Nas universidades deveria haver uma cátedra especializada, para o estudo da cultura índia, sua língua, seu modo de vida. E os universitários poderiam assim passar as férias entre eles, não para corrompê-los, mas para saberem que eles também sabem pensar. Luiz Wanderley Torres, Capital. →



### Testemunho insuspeito

SAN JUAN DE PUERTO RICO — Numa decisão inédita num tribunal, a juíza Ana Maria Serrano chamou o corpo de delito para testemunhar: um mainá que sabe falar. É que José Decllet Rivera denunciou o roubo do seu precioso pássaro por José Caraballo — que insistia em que o mainá sempre fora seu. Sem saber o que fazer, a juíza convocou o pássaro — que, com voz clara e forte, resolveu a questão: e garantiu que o seu dono sempre foi, mesmo, Decllet.

### Por que o silêncio no episódio do Guarujá ?

Quarta-feira de Cinzas amanheceu cinza mesmo para muita gente no Guarujá. Cinza no sentido literal do termo, para as pessoas que, durante os festejos de Momo tiveram suas casas violentadas, as "mezozot" de suas portas arrancadas e queimadas e, na maioria das vezes, substituídas pela suástica (Nota da Redação: assunto abordado na capa da edição nº 340).

Não foram apenas um ou dois apartamentos de um determinado edifício que sofreram esse tipo de ação e sim vários, localizados em três edifícios da cidade litorânea, alegremente conhecida como "Guarushalaim". Edifícios com uma característica comum: a maior parte de seus moradores são de origem judaica. Simples coincidência?

Coincidência ou não, a realidade é que tais atos ocorreram num período em que o Guarujá estava lotado e, coisa estranha, pouca gente ficou sabendo. Os jornais sequer noticiaram os fatos. A polícia local não foi chamada para averiguar o caso e tomar as providências necessárias. Nem a entidade - teto da comunidade foi imediatamente comunicada. Todos falavam "apenas" sobre o "assalto no Casa Grande Hotel".

Diante desse comportamento, vale a pena se fazer algumas perguntas. Por que esse silêncio diante de um ato que ameaça não apenas as pessoas diretamente atingidas, mas aos judeus de modo geral?

A omissão é compreensível apenas até certo ponto, mas não justificável diante de um "acidente" com tais proporções. Os fatos ocorridos no Guarujá não podem ser comparados com atos isolados que acontecem esporadicamente, como pichações de suásticas em paredes ou telefonemas anônimos ameaçadores. Esse ato tinha um endereço certo, um objetivo definido, uma organização quase que perfeita.

Resta saber se queriam apenas amedrontar a comunidade ou avaliar seu comportamento. Ter "abafado" o caso, não importa por que razões, abriu um precedente. Ou melhor, confirmou o mito de que nós, judeus, ainda não aprendemos a erguer nossa voz quando diretamente atacados. Até quando? Talvez seja hora de retermos o velho poema de Maiakovsky, "O Preço da Omissão".

42, sensacional, capítulo: TNUA'

- CHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHH....

- UMA BOMBA???

- Nada disto, responde DéciupintoQ.imado, é o redator do NEIBEINU, Paurus Mescoços, que sempre dorme por aqui.

E era uma gritaria de todos os lados, Eyrminose de um lado, a filha do terrível corcum-

baldo de Déciopinto4. não parava rar, Ram I-radzenbaum as poções



sesperos, Goberto Enho Marinho procurava a solução em uma de suas novelas, Joaquim Hulkster já não estava mais verde, já estava cor-de-rosa, o nosso querido caskir Jacús estava apático. APÁTICO?!

- Você não está nervoso? Pergunto eu.

- Nervoso porque? Responde com outra pergunta Jacús.

- A ata, meu!!!

Nisso:

TAC, TAC, TACTAC? TAC, TAC, TACTACTAC, TACTAC, TAG

- !!! ? ! ?? !!! Todos.

Notredama, Q.imado de cho-shim VE-bebia su- contra de-

# Bo'lo de Gueser

1 xícara de óleo

3 cenouras grandes

2 xícaras de açúcar

2 xícaras de farinha de trigo

1 colher (sopa) de fermento

-Bate-se tudo no liquidificador(menos o fermento que deve ser misturado depois da massa ter sido batida).

Colocar em forma untada e levar ao forno.

"cenoura;bebes e comes,Evy freyzer e Mario Gomes"



UM BEIÇÃO DA EVY

E  
A  
J  
T  
S  
S

## PAISES QUE SE NEGARON A CONDENAR AL SIONISMO, 10/11/1975

Los 35 países, incluido Israel, que votaron contra la resolución antisionista del 10 de noviembre de 1975.



"Es un ataque no contra el sionismo, sino contra Israel; como tal, es un asalto general de la mayoría de las naciones contra principios de la democracia liberal, que hoy se encuentran sólo en un decreciente número de países". DANIEL MOYNIHAN, EMB. DE EEUU. ANTE LA ONU, 21/10/75

"La constitución de Israel garantiza igualdad de ciudadanía a su minoría árabe, una vital diferencia. Su insistencia en ser un estado específicamente judío no la hace más racista que Pakistán, Arabia Saudita o Mauritania, que se autodenominan, constitucionalmente, estados islámicos". THE OBSERVER, LONDRES, 9/11/75

Martin Gilbert 1975

"Los Estados Unidos no van a aceptar ni consentir este acto infame. Un gran mal se ha declarado en el mundo. La abominación del antisemitismo ha recibido la aprobación de una sanción internacional". D. MOYNIHAN, 10/11/75

"El espíritu de las Naciones Unidas ha sido puesto en peligro por la adopción de una resolución para cuya aprobación pro-sionaron, estúpida e innecesariamente, extremistas que no saben cuándo han llegado demasiado lejos. Temo que las tristes consecuencias de esta votación aparecerán demasiado pronto". G. THORN PDE., ASAMBLEA DE LA ONU, 10/11/75

## PAISES QUE CONDENARON AL SIONISMO, 10 DE NOVIEMBRE 1975

Estados no árabes que votaron a favor de la condena del sionismo en la ONU, noviembre 10, 1975



El 22 de noviembre de 1974, la Asamblea General de las Naciones Unidas votó la aceptación de la OLP como observador en todas las reuniones de la ONU, en calidad de representante de los árabes palestinos, cuyo "derecho a la independencia nacional y a la soberanía" y a volver a "sus hogares y propiedades" fue afirmado por sustancial mayoría. Menos de un año después, el 10 de noviembre de 1975, 17 estados árabes, 13 estados comunistas, 22 africanos y otros 20 votaron una condena del sionismo como "forma de racismo y discriminación racial". Este fue el clímax de una intensa campaña de un año de duración en la que, por influencia de la OLP, el sionismo fue condenado por la Conferencia del Año Internacional de la Mujer (México) y por dos entidades de la ONU, la UNESCO y la OIT.

"El sionismo... es desde su formación un movimiento fanático y racista; en sus objetivos, agresivo, expansionista y colonialista; en sus medios, fascista y nazi. Israel es la herramienta del movimiento sionista, y una base geográfica y humana del imperialismo mundial". CONSTITUCION NACIONAL PALESTINA, ART. 22 - JULIO 17, 1968

"No nos detendremos hasta destruir a Israel y volver a nuestro hogar... nuestra meta es la aniquilación de Israel, y no habrá compromisos ni mediaciones. No queremos paz, queremos victoria. Para nosotros, paz es la destrucción de Israel y nada más". ARAFAT, NUEVA REPUBLICA, NOV. 16, 1974

Martin Gilbert 1976

"Nadie puede verle grandes esperanzas a Israel si el señor Arafat se sale con la suya, y él aclaró muy bien que los términos del establecimiento de Palestina deben ser los suyos y sólo los suyos". ALISTAIR COOKE, CARTA DESDE NORTEAMERICA, NOV. 17 1974

"Entramos al mundo por su puerta más ancha. Ahora el sionismo se irá de este mundo, y de Palestina en particular, bajo los golpes de la guerra del pueblo". ARAFAT EN LA ONU, NOV. 22, 1974

"Esta resolución comprende la liquidación de la existencia sionista, ya que la patria palestina es Palestina, y Palestina actualmente es Israel". ARAFAT, CI-TADO EN AL-BALAGH", BEIRUT, 5/1/75

"Es inevitable que aumentemos la campaña de aislamiento y rechazo de Israel por parte de la comunidad internacional y de la ONU". CANCELLER EGIPCIO FAHMI, 24/3/75